Ecos das navegações portuguesas no *Kitab-i Bahriye* de Piri Reis

Rui Manuel Loureiro
Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes
Centro de História de Além-Mar

Resumo: É justamente célebre o mapa-mundo desenhado por Piri Reis em 1513, de que se conhece apenas o fragmento atlântico, conservado em Istambul. A sua surpreendente modernidade explica-se sobretudo pelo recurso a fontes de origem ibérica, resultantes de quase um século de exploração do Atlântico e de ambas as suas margens por portugueses, espanhóis e seus colaboradores. Talvez menos conhecido, mas igualmente relevante, é o «Livro das coisas do mar» preparado na década de 1520 pelo cartógrafo turco, que reúne preciosas informações geográficas e cartográficas sobre o Mediterrâneo, mas também sobre muitas outras áreas geográficas. No prefácio do seu *Kitab-i Bahriye*, Piri Reis revela-se especialmente bem informado sobre as explorações portuguesas realizadas ao longo da costa de África e nos mares orientais, após as viagens de Bartolomeu Dias e de Vasco da Gama. Será possível identificar as fontes textuais e cartográficas portuguesas, ou de origem portuguesa, de que se terá servido Piri Reis na elaboração dos seus trabalhos cartográficos?
Palavras chave: Piri Reis, *Kitab-i Bahriye*, cartografia, descobrimentos ibéricos, literatura de viagens, intertextualidade.

Echoes of Portuguese Navigation in the *Kitab-i Bahriye* by Piri Reis

Abstract: The world map drawn by Piri Reis in 1513, of which only the Atlantic fragment kept in Istanbul is known, is justly famous. Its surprising modernity is fully explained by the use of Iberian sources, resulting from nearly a century of exploration of both sides of the Atlantic by Portuguese and Spanish navigators, along with other collaborators. The 'Book of maritime affairs', prepared in the 1520s by the Turkish cartographer, gathering precious geographic and cartographic information about the Mediterranean and many other regions, is equally important, although rather less well known. In the foreword to his *Kitab-i Bahriye*, Piri Reis appears to be especially well informed about Portuguese explorations along the African coast and in the Asian seas, after the voyages of Bartolomeu Dias and of Vasco da Gama. Is it possible to identify the textual and cartographic sources used by Piri Reis in the preparation of both his cartographic works?
Keywords: Piri Reis, *Kitab-i Bahriye*, cartography, Iberian discoveries, travel literature, intertextuality.

Loureiro, Rui Manuel (2013). «Ecos das navegações portuguesas no *Kitab i-Bahriye* de Piri Reis». *Abriu*, 2, 11-37, ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044. Received: 1-3-2013. Accepted: 30-4-2013.

O famoso mapa-mundo de Piri Reis, desenhado em 1513, e de que hoje se conserva apenas um fragmento no Topkapy Saray, revela de forma muito evidente que o navegador e cartógrafo turco pôde recorrer, para a respectiva elaboração, a um alargado leque de fontes de origem ibérica.[1] Ao longo do século xv, navios portugueses e espanhóis haviam protagonizado a exploração do Atlântico, abrindo à navegação um oceano que até então permanecera quase totalmente inexplorado. Num primeiro momento, a costa ocidental de África foi sistematicamente reconhecida pelos navegadores do Infante Dom Henrique, a partir dos portos do Algarve. Eventualmente, haveriam de atingir as regiões da Guiné, onde começou a ser possível efectuar proveitosas trocas comerciais. Depois da morte de Dom Henrique, em 1460, a Coroa portuguesa assumiu de forma decidida a empresa dos descobrimentos, apostada desde a década de 1470 em alcançar as Índias por via marítima, contornando a extremidade setentrional do continente africano. No horizonte das navegações portuguesas estava a possibilidade de poder de alguma forma participar nos proveitosos tráficos de mercadorias orientais que até então atingiam a Europa pelas rotas do Levante. Como resultado de sucessivas e persistentes expedições, Bartolomeu Dias contornava o Cabo da Boa Esperança em 1488, abrindo aos portugueses as portas do Oriente. E uma década mais tarde, em 1498, uma armada comandada por Vasco da Gama estabelecia pela primeira vez a ligação directa entre Lisboa e Calecute, na costa ocidental do Indostão. Entretanto, alguns anos antes, em 1492, o genovês Cristóvão Colombo, navegando ao serviço de Espanha, partira também em demanda das Índias, mas seguindo uma rota ocidental, acabando por topar, de forma casual, com terras que mais tarde viriam a ser identificadas como um novo e desconhecido continente.[2]

Nas primeiras décadas do século xvi, Portugal e Espanha, monopolizando do ponto de vista europeu as ligações marítimas com a costa ocidental de África, com a América e com o mundo oriental, dispunham obviamente de um vasto cabedal de informações sobre terras e gentes anteriormente pouco ou nada conhecidas na Europa.[3] É precisamente nesse vasto manancial informativo que Piri Reis irá recolher importantes dados para a elaboração do seu mapa-mundo de 1513, como, aliás, as próprias legendas desse monumento carto-

[1] Vd. uma primeira abordagem em Rui Manuel Loureiro (2006).

[2] Sobre os descobrimentos ibéricos, vd. Luís Adão da Fonseca (1999: 66-140), e Vitorino Magalhães Godinho (2007: 153-294).

[3] Vd. um levantamento exaustivo em António Alberto Banha de Andrade (1972).

Abriu 2 (2013): 11-37
ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

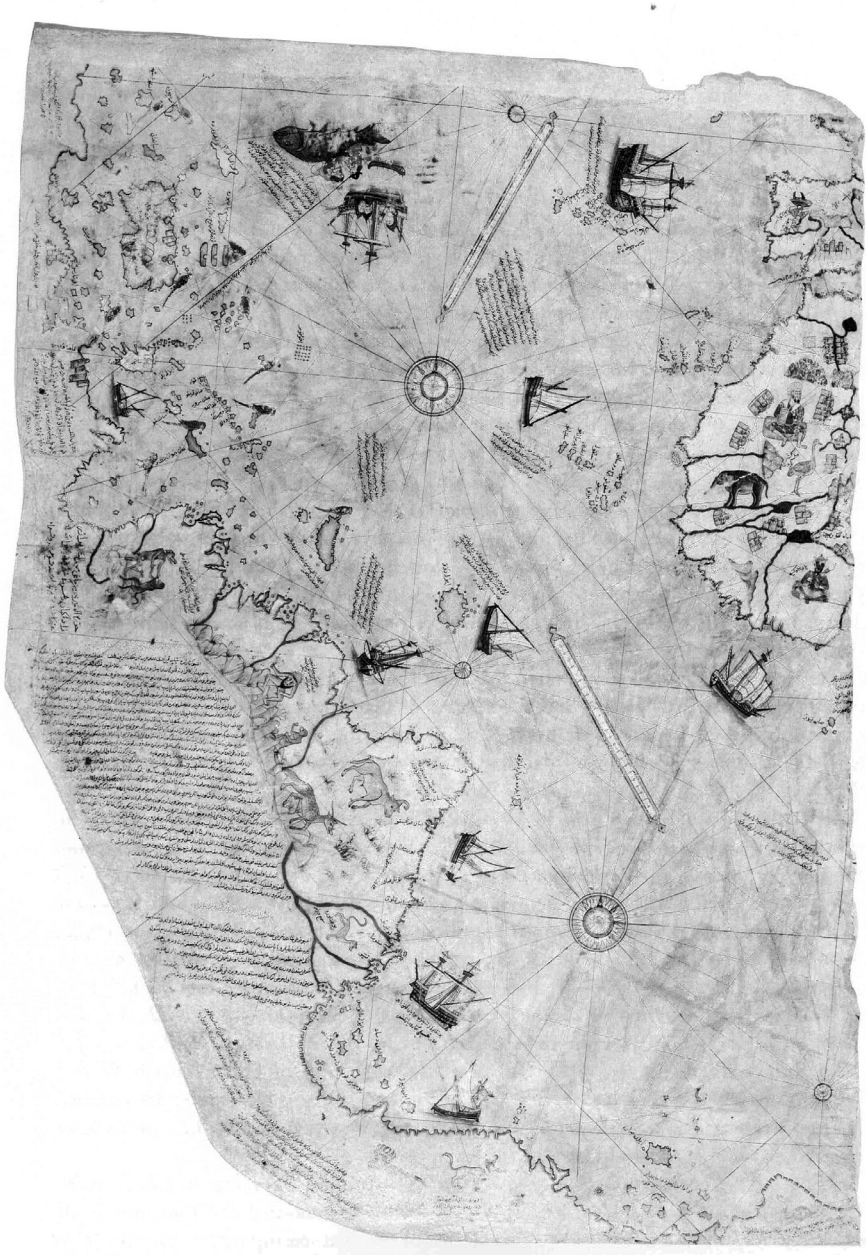

Figura 1. Único fragmento conhecido do Planisfério de Piri Reis (1513)

Abriu 2 (2013): 11-37
ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

gráfico revelam. O navegador turco, segundo se consegue apurar, nunca terá visitado a Península Ibérica; contudo, navegou longamente pelas águas do Mediterrâneo, nas décadas de transição entre os séculos xv e xvi, onde se cruzou repetidamente com navios e com navegantes oriundos de Portugal e de Espanha.[4] Diversas legendas do mapa de Piri Reis fornecem pormenores sobre a obtenção de informações ou de materiais de origem ibérica. Em certa ocasião, ao largo de Valência, a armada de Kemal Reis, tio do cartógrafo, capturou sete navios espanhóis, cujo espólio incluía cartas hidrográficas portuguesas e espanholas, algumas das quais teriam ficado na posse de Piri Reis. Numa outra escaramuça, um dos espanhóis aprisionados pelos otomanos afirmara: «qu'il était allé par trois fois en ce pays avec Colombo [Qulunbu]», como refere umas das legendas do mapa. Outra legenda, entretanto, conta a história deste «infidèle de Genes, du nom de Colombo [Qulunbu]» (Akçura 1999: 17). Enfim, uma outra legenda do mesmo mapa-mundo, localizada nas proximidades do Brasil, contém uma curiosíssima descrição do descobrimento português desta terra sul-americana, referindo que a mesma foi tomada de um relato elaborado pelos descobridores portugueses.

E assim sucessivamente. Parece claro que Piri Reis, para compor o seu planisfério, recorreu a diversos materiais de origem portuguesa e espanhola — nomeadamente, cartas, mapas, relatos escritos, informações orais —, que foi coleccionando ao sabor das suas expedições através do Mediterrâneo e talvez também no Mar Vermelho. Uma legenda do mapa de 1513 explica bem o processo da sua composição: «La presente partie expose comment cette carte a été dressé. Nul dans le siècle présent ne possède une carte semblable à celle-ci. Elle a été élaborée et dressée par l'humble soussigné. La presente carte est le produit des études comparatives et déductions faites sur vingt cartes et mappemondes [...] de même sur huit semblables Djaferiye, sur une carte arabe des Indes, ainsi que sur une carte dressé récemment par quatre Portugais [...], et aussi sur une carte de Colomb» (Akçura 1999: 18).

Enfim, sem pretensões de exaustividade, talvez valha a pena comentar alguns pormenores do mapa de Piri Reis. A Península Ibérica e o litoral ocidental de África estão representados de forma razoavelmente correcta, como se fossem regiões familiares ao navegador turco, quer vivencialmente, quer através de recurso a materiais cartográficos. Os desenhos de navios portugueses

[4] Sobre a carreira de Piri Reis, vd. Svat Soucek, *Piri Reis and Turkish Mapmaking*, pp. 35-105; sobre o mapa de 1513, vd. Gregory C. McIntosh, *The Piri Reis Map of* 1513, pp. 8-140.

ou espanhóis espalhados pelo Atlântico surgem bastante realistas, sendo perfeitamente distintas as caravelas, mais leves e com velas triangulares, das naus, mais pesadas e armando velas quadrangulares. Aliás, numa dada legenda, o cartógrafo escreve: «cês quatre vaisseaux sont dês vaisseaux Portugais. Leur forme a été décrite» (Akçura 1999: 18). O litoral do Brasil aproxima-se bastante da configuração apresentada para aquela região no chamado planisfério de Cantino, desenhado em Portugal em 1502, que sabemos ter servido de modelo a alguns mapas impressos em países europeus (Lagoa 1955: 35-105) Extraordinárias são também as representações de alguns dos mitos mais persistentes da tradição mediterrânica, como a lendária viagem de São Brandão: junto deste desenho, Piri Reis escreve que «Cês faits ne sont point relates par l'infidèle portugais. Ils sont puisés dans les vieilles mappemondes» (Akçura 1999: 18). Ou as representações de acéfalos ou de cinocéfalos, retiradas também de mapas medievais. Muito interessante seria conhecer as restantes secções do mapa de Piri Reis, que alegadamente se baseariam em cartas portuguesas do Oriente.[5] Em 1513 a cartografia portuguesa das regiões que se estendiam para leste do Cabo da Boa Esperança era ainda incipiente, mas talvez Piri Reis tivesse de alguma forma obtido esboços preparados pelo cartógrafo português Francisco Rodrigues, que na primeira década do século XVI viajou pelos mares orientais, alcançando nomeadamente o Mar Vermelho.[6]

Tendo esta noção de que Piri Reis recorreu a diversos materiais de origem ibérica para compor o seu mapa-mundo de 1513, lógico será concluir que o mesmo processo de trabalho foi utilizado pelo navegador turco na composição do seu *Kitab-i Bahriye*, sempre que no mesmo estão presentes temas que intersectam os espaços geográficos que na época eram frequentados de forma regular, e alguns mesmo em exclusividade, pelos viajantes portugueses. Ou seja, será previsível que neste extenso compêndio de marinharia se encontrem vestígios implícitos ou explícitos de fontes de origem portuguesa. A primeira versão do *Kitab-i Bahriye* foi preparada por Piri Reis em 1521. Trata-se de um conjunto de textos e de cartas-portulano, que definem um périplo integral do Mediterrâneo. O prefácio desta primeira versão não contém quaisquer menções aos portugueses. Contudo, a segunda versão alargada da mesma obra, composta em 1526 expressamente para ser apresentada ao sultão otomano So-

[5] Para uma hipotética representação do planisfério completo, vd. Gregory C. McIntosh (2000: 12).

[6] Sobre Francisco Rodrigues, vd. Armando Cortesão (1978: 80-102); para uma edição recente dos seus mapas, cf. José Manuel Garcia (2008).

limão o Magnífico (r. 1520-1566), inclui já uma introdução versificada onde surge uma descrição resumida, mas extremamente bem informada, da história da expansão ultramarina portuguesa.[7] Esta descrição contém notícias sobre as viagens henriquinas de exploração do litoral de África, nos primórdios do século XV, passando pelo estabelecimento de entrepostos na costa africana e pelo descobrimento do Brasil, até ao estabelecimento de ligações marítimas directas com a Índia, com a consequente implantação de bases portuguesas um pouco por todo o Oriente (Brotton 1997: 110).

Consequentemente, colocam-se de imediato dois problemas. Por um lado, em que fontes se baseou Piri Reis para apresentar a sua versão dos acontecimentos? Por outro lado, será que essa versão correspondia à realidade? Entretanto, convirá sublinhar desde já que o tratadista turco, no espaço de tempo que medeia entre 1521 e 1525 sentiu necessidade de integrar no seu livro de marinharia informações actualizadas, ou tidas como tais, sobre a expansão ultramarina portuguesa. Trata-se de um sinal certo de que o reino de Portugal era na época considerado um protagonista estratégico nos círculos dirigentes otomanos. O que é perfeitamente justificável, tendo em conta que desde os primeiros anos do século XVI os portugueses tinham começado a desempenhar um papel extremamente activo no mundo marítimo do oceano Índico, por um lado, estabelecendo uma extensa rede de bases em pontos-chave da costa oriental africana e da Ásia marítima, por outro lado, marcando presença regular nos caminhos marítimos que, a partir da Índia, desembocavam no Mar Vermelho.[8] O Estado Português da Índia, então em construção, assumia-se assim como um importante antagonista de quaisquer projectos expansionistas otomanos que visassem os mares orientais. Como qualquer outra potência política e militar, o estado otomano tinha necessidade de conhecer a fundo potenciais ou reais inimigos. Será que Piri Reis só teve acesso às necessárias fontes de informação, fossem elas orais ou escritas, depois de concluída a primeira versão do seu livro de marinharia? Ou apenas na altura da redacção da segunda versão do *Kitab-i Bahriye* se fez sentir a necessidade de abordar temáticas portuguesas?

[7] Sobre o *Kitab-i Bahriye*, vd. Soucek (1996: 84-101); e também Loupis (2004: 35-49). Utilizo nas citações uma tradução francesa do «Prefácio», ainda inédita, gentilmente cedida por Jean-Louis Bacqué-Grammont (a quem dirijo os meus sinceros agradecimentos). Existe uma edição bilingue (em turco e em inglês), Pirî Reis (2002: 22-79), que poderá ser utilizada para referência. Contudo, existem significativas diferenças entre ambas as traduções.

[8] Sobre a expansão asiática dos portugueses, vd. Subrahmanyam (1993: 55-106).

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

O capítulo 10 do Prefácio do *Kitab-i Bahriye* apresenta uma síntese da génese da expansão portuguesa: «Dans ce chapitre est expliquée la raison pour laquelle le mécréant portugais s'avança dans la mer de l'Inde» (JLBG, 10). E começa por mencionar a morte de um monarca português não identificado, que «laissa ses deux fils à sa place» (JLBG, V10-4); enquanto um desses filhos subia ao trono, «L'autre s'enfuit dans le Ponant» (JLBG, V10-5). A história portuguesa anterior ao século XVI não conta com qualquer episódio deste género. Mas é possível desde logo identificar a situação que deu origem à versão registada por Piri Reis. O primeiro rei da segunda dinastia portuguesa, Dom João I (r. 1385-1433), subiu ao trono na sequência de uma grave crise política e de um violento conflito com a vizinha Espanha, nos anos de 1383-1385. Foi precisamente durante o seu reinado que se desencadeou a expansão ultramarina portuguesa, com a conquista da praça norte-africana de Ceuta em 1415. Os dois filhos mais velhos de Dom João eram, respectivamente, Dom Duarte (r. 1433-1438) e Dom Pedro, conhecido como o Infante das Sete Partidas. Este último realizou extensas viagens pela Europa, entre 1425 e 1428, visitando nomeadamente a Itália e a Hungria, onde participou com Segismundo em combates contra os Otomanos.[9] De regresso a Portugal, viria a desempenhar as funções de regente durante uma década (1438-1438), na menoridade do seu sobrinho Dom Afonso V (r. 1438-1481). Trata-se de uma personagem assaz interessante, um homem viajado, extremamente culto, um humanista, autor de obras doutrinárias, que ficou associado ao enigmático e anónimo *Libro del Infante Don Pedro de Portugal*, que lhe atribui extensas viagens por todo o mundo conhecido, incluindo a Palestina, o Egipto, a Etiópia e a Índia. Esta obra fantasiosa, assinada por um misterioso Gómez de Santistéban, que nunca foi identificado, teve a sua primeira impressão em Sevilha, na imprensa dos Cronemberg, por volta de 1520.[10]

Piri Reis, curiosamente, atribui ao rei-viajante português, de que não menciona o nome, um papel determinante nas origens da expansão marítima portuguesa, pois teria sido ele a incentivar os marítimos portugueses a navegarem para o «pays des Noirs» (V10-12), em busca de «métaux [précieux]» (V10-10). A documentação portuguesa coetânea, de facto, comprova que o Infante Dom Pedro, enquanto regente, desempenhou um activo papel na dinamização e no financiamento de viagens de exploração no Atlântico, ao longo da costa oci-

[9] Sobre as viagens do Infante Dom Pedro, vd. Rogers (1961: 31-122).

[10] Vd. Santisteban (1962). Esta obra foi estudada por Rogers (1961: 123-240), e mais recentemente por Correia (2000: 55-161).

dental de África. Foi durante a sua regência, aliás, que os navios portugueses atingiram as regiões auríferas da Guiné, onde passaram a efectuar regulares e lucrativas trocas comerciais. Uma corrente historiográfica portuguesa, entretanto, tem estado empenhada em destacar o papel activo do Infante Dom Pedro nas viagens de descobrimento, ao lado do seu irmão mais novo, e mais bem conhecido, o Infante Dom Henrique (1396-1460), a quem normalmente é atribuído o protagonismo no lançamento da expansão marítima portuguesa.[11] Teria Piri Reis manuseado um exemplar do *Libro del Infante Don Pedro de Portugal*? Nada de mais verosímil, uma vez que a obra conheceu enorme circulação na Europa meridional (Rogers 1959). Mas esta fonte nada de significativo ensinaria ao cartógrafo turco sobre a história de Portugal, já que, para além de alguns dados fidedignos, estava repleta de informações fantasiosas, recolhidas pelo anónimo autor em diversos textos medievais de viagens; apenas poderia sugerir a identidade do príncipe viajante que impulsionou as expedições dos navegadores portugueses ao longo do litoral ocidental de África. É mais provável que Piri Reis estivesse a utilizar informações orais, o que de resto explicaria a sua afirmação de que as viagens portuguesas rumo à costa africana, depois do desaparecimento de Dom Pedro em 1449, se teriam interrompido «plus de quarante années entières» (v10-17). Na verdade, depois da morte do Infante das Sete Partidas, a exploração do litoral africano estagnou durante vários anos, até à completa resolução da crise política que desembocara na batalha de Alfarrobeira.[12]

Outra fonte possível das referências de Piri Reis às primeiras viagens de descobrimentos portuguesas, e ao papel desempenhado neste processo por dois filhos de um monarca lusitano, poderia ser um texto de Alvise Ca' da Mosto, mercador veneziano que em 1455 e 1456 efectuou viagens à Guiné, ao serviço do Infante Dom Henrique. A primeira edição impressa das «Navigationi» do viajante veneziano apareceria na colectânea *Paesi nouamente ritrovati*, da responsabilidade de Francazano da Montalboddo, que foi publicada em Vicenza, em 1507 (Montalboddo 1507: cap. 1-50).[13] A determinado passo do seu relato, Ca' da Mosto, referindo-se a Dom Henrique, afirmava que «O qual se-

[11] Sobre o papel de Dom Pedro nas viagens de descobrimentos, vd. o polémico estudo de Marques (1995); sobre Dom Henrique, vd. a recente e rigorosa biografia de Peter Russell (2000), bem como o estudo de João Paulo Oliveira e Costa (2009).

[12] Sobre os protagonistas desta batalha, na qual desapareceu Dom Pedro, vd. a obra algo esquecida de Lita Scarlatti (1980).

[13] Sobre esta colectânea, vd. Andrade (1972: 527-532).

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

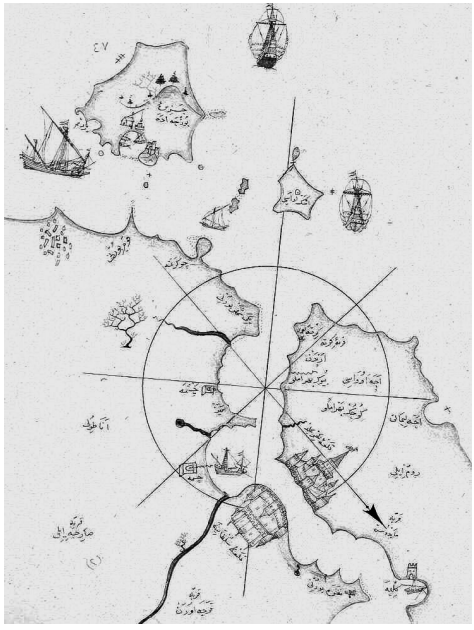

Figura 2. Representação da ilha de Kibriz (ou Chipre) no *Kitab-i Bahriye* de Piri Reis (1521)

nhor, em suma, se esforçou por fazê-lo e fez, depois da morte do pai, com o favor do rei Dom Duarte, seu irmão mais velho, que sucedeu no reino de Portugal» (Peres 1988: 84). Não seria muito complicado, para Piri Reis, obter um exemplar desta antologia italiana de relatos de viagens ibéricas, sabendo da intensidade de contactos que na época existiam entre Veneza e Istambul (Concina 2006). Aliás, os *Paesi nouamente ritrovati* incluíam, para além dos textos de Alvise Ca' da Mosto, relações de origem portuguesa sobre as primeiras viagens ao Oriente, e nomeadamente uma descrição da viagem efectuada por Pedro Álvares Cabral em 1500, durante a qual teve lugar o descobrimento do Brasil, assim como versões de textos atribuídos a Américo Vespucci, sobre explorações efectuadas no litoral do continente americano. Piri Reis, na sua introdução de 1526 ao *Kitab-i Bahriye* avança com outras informações sobre o Brasil e sobre as viagens ibéricas de descobrimento que bem poderiam ter origem na compilação de Montalboddo.

Enfim, uma última ligação a Dom João I e aos seus sucessores poderia encontrar-se no facto de o segundo filho do Infante Dom Pedro ter vivido em terras cipriotas. Com efeito, depois da batalha de Alfarrobeira, Dom João de

Coimbra (1431-1457) foi exilado para a Borgonha, vindo mais tarde a casar com Carlota de Lusignan, tornando-se por um brevíssimo período regente do reino de Chipre. Viria a falecer em Nicósia, onde foi sepultado. Muitos anos mais tarde, na segunda metade do século xvi, o viajante português Fr. Pantaleão de Aveiro, por ocasião de uma passagem por Nicósia, faria referência à «muy rica, & sumtuosa sepultara [*sic*]» de Dom João, «Principe de Antioquia», que se encontrava no convento franciscano daquela cidade (Aveiro 1927: 67-68).[14] Piri Reis passou decerto por Chipre em variadas ocasiões, e aí poderia ter tomado contacto com a história de um nobre português exilado nas partes do Levante, mas de certa forma ligado por laços familiares à génese da expansão lusitana, já que era neto de el-rei Dom João I de Portugal.

O tratadista turco, no capítulo x da sua introdução versificada, refere-se de seguida, de forma bastante correcta, às navegações portuguesas rumo a sul, ao longo da costa africana. Destaca o nome de um dos capitães do monarca português, um tal «Kâncô Lîzbôna» (v10-20), homem já de idade, mas «manifestement habile em mer» (v10-21), que teria tentado descobrir uma grande porção do caminho marítimo que de Lisboa conduziria às Índias. Esta referência de imediato sugere uma identificação com Diogo Cão, que talvez fosse natural de Lisboa, um dos mais misteriosos navegadores portugueses, sobre o qual pouco se consegue apurar na documentação coetânea, mas que foi responsável, entre 1482 e 1486, pela exploração de uma enorme porção do litoral africano, praticamente desde o golfo da Guiné até à região sul-africana correspondente à actual Namíbia. Em sucessivas expedições, Diogo Cão explorou a bacia do rio Congo e praticamente todo o litoral angolano. O seu rasto perde-se depois de 1487, julgando-se que teria caído em desgraça na corte do rei Dom João II (r. 1481-1495), pelo facto de, como era então ansiosamente esperado em Lisboa, não ter conseguido dobrar a extremidade do continente africano.[15] Mais uma vez, é provável que estejamos perante informações de natureza oral recolhidas por Piri Reis junto de marítimos portugueses em trânsito pelo Mediterrâneo. Mas, de qualquer forma, a versão apresentada é extremamente fidedigna, sobretudo quando avança a noção de que os navegadores portugueses, na década de 1470, estariam activamente empenhados em descobrir «la route des Indes» (v10-22), já que as fontes da época confirmam que o

[14] O viajante franciscano confunde este Dom João com o filho homónimo de Dom João I, que viveu entre 1400 e 1442, como nota C. F. Beckingham (1979: 169). Sobre a regência de Dom João de Coimbra, ver Hill (2010: 529-536).

[15] Sobre as viagens de Diogo Cão, vd. Radulet (1990: 175-204).

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

rei Dom João II procurou de forma deliberada alcançar o Oriente, quer enviando expedições terrestres rumo ao Levante, pela rota do Mediterrâneo,[16] quer despachando sucessivos navios com destino às regiões mais meridionais de África, pela rota do Atlântico.[17] Em 1485, Vasco Fernandes de Lucena, numa oração de obediência apresentada em Roma ao Papa Inocêncio VIII em nome de Dom João II, fazia referência ao facto de que «a navegação portuguesa se não encontra senão a alguns dias de viagem» das Índias (Loureiro 1998: 36-37).

Piri Reis parece sugerir que «Kâncô Lîzbôna» teria sido responsável pela passagem do cabo da Boa Esperança, de que aliás transcreve o nome português de forma exacta, «kâvo Bônô Ispirânse», apresentando de seguida a respectiva tradução em turco (v10-27). Na realidade, o autor da proeza foi um outro navegador português, também algo misterioso, Bartolomeu Dias, sobre o qual pouco se consegue apurar, excepto que em 1488, depois de um extensa viagem ao longo da costa africana, ultrapassou o cabo das Tormentas, navegando até ao chamado Rio do Infante (actual Great Fish River).[18] Após o regresso do navegador a Portugal no ano seguinte, a designação deste acidente geográfico seria alterada para cabo da Boa Esperança, como sinal da expectativa gerada em torno da possibilidade de efectivamente se conseguir atingir a Índia por via marítima a partir da Península Ibérica. Mas a descrição técnica de Piri Reis é rigorosa, com a menção aos lentos avanços conseguidos em sucessivas viagens de exploração costeira («en longeant la cote» [v10-33]), com a referência aos padrões de pedra («dressèrent une marque» [v10-30]) com que os navegadores portugueses costumavam assinalar o limite mais longínquo das suas expedições, e com a clara indicação da latitude atingida, que nas fontes portuguesas correspondia a aproximadamente 340 de latitude meridional («De l'Équateur, ce cap est à trente-quatre degrés de distance au-delà» [v10-39]).[19] Mais uma vez, estamos perante informações de indubitável origem portuguesa, impressão que é reforçada pela detalhada descrição apresentada do padrão

[16] As expedições portuguesas terrestres, rumo ao Oriente, são abordadas na obra clássica, mas ainda valiosa, do Conde de Ficalho (1988: 35-134).

[17] A propósito do «plano das Índias» de Dom João II, vd. Abel Fontoura da Costa (1990).

[18] Bartolomeu Dias viria a desaparecer durante um naufrágio ao largo do cabo da Boa Esperança, em 1500, quando viajava rumo à Índia na armada de Pedro Álvares Cabral. Sobre a carreira deste navegador, vd. Fonseca (1987), e também Albuquerque (1988).

[19] Cf. Pereira (1991: 679): «cabo de Boa Esperança, o qual se aparta em ladeza, do círculo da equinocial contra o pólo antártico, trinta e quatro graos e trinta minutos».

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

implantado por Bartolomeu Dias: «Celui qui découvrit le cap de Bonne-Espérance y dressa alors une croix ainsi qu'une colonne» (v10-35). Na realidade, os padrões portugueses eram constituídos por colunas de pedra, encimadas por um cubo também de pedra, com inscrições e brasões nas quatro faces, o qual por sua vez era coroado por uma cruz.

Ao tempo em que Piri Reis escrevia a segunda versão do *Kitab-i Bahriye*, não estavam ainda disponíveis as grandes crónicas da expansão que começaram a ser impressas em Portugal depois de 1550 e que consignaram a versão oficial da génese da expansão lusitana ultramarina. Assim, é complicado determinar com exactidão as fontes escritas eventualmente utilizadas pelo navegador turco. Em determinados meios mais próximos da Coroa portuguesa circulariam relatos manuscritos das expedições marítimas mais importantes, mas que terão conhecido uma difusão relativamente restrita. O relato mais detalhado das viagens de descobrimento que culminaram no descobrimento do caminho marítimo para a Índia ficou a dever-se a Duarte Pacheco Pereira, um navegador e homem de armas português que por volta de 1508 completou o manuscrito do *Esmeraldo de situ orbis*, circunstanciado roteiro da exploração do litoral africano. Porém, é muito pouco provável que Piri Reis conseguisse acesso a este texto, que só seria editado nos tempos modernos, e que se sabe ter tido uma circulação algo restrita nos meios ligados à Coroa lusitana (Pereira 1991).[20] O mesmo teria sucedido relativamente ao chamado *Códice Valentim Fernandes*, volumosa colectânea dos primeiros textos dedicados às grandes navegações portuguesas do século xv (Costa 1997). É também algo improvável que Piri Reis pudesse ter tido acesso ao volume manuscrito compilado pelo impressor morávio que se estabeleceu em Portugal nas últimas décadas do século xv, que reunia escritos de Gomes Eanes de Zurara, Diogo Gomes e outros, respeitantes às viagens de exploração quatrocentistas dos portugueses.[21]

Mas, desde os primeiros anos de Quatrocentos, mercadores italianos apareceram intimamente ligados às navegações portuguesas, tendo muitos deles estanciado demoradamente em Portugal.[22] E assim foi sobretudo a partir das cidades italianas que se difundiram pelo Mediterrâneo relatos sobre as expedições realizadas ao longo do século xv e primeiras décadas do século xvi pelos navegadores portugueses, quer através do Atlântico, quer mais tarde nos mares

[20] Sobre Duarte Pacheco, vd. Domingues (2012: 25-39).

[21] Sobre Valentim Fernandes, vd. Jüsten (2007).

[22] Sobre a ligação dos italianos à expansão portuguesa, vd. Arienzo (1991: 107-120), que cita ampla bibliografia.

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

orientais. Essa difusão noticiosa foi por vezes impressa, como no caso já referido dos *Paesi nouamente ritrovati*. Mas mais frequentemente teve forma manuscrita, através da redacção e circulação de cartas, mapas, relatórios e informações, quer a partir de Lisboa, como no caso de um alargado conjunto de textos preparados por feitores italianos estantes em Portugal que se referem às primeiras viagens portuguesas ao Oriente (Radulet e Thomaz 2002), quer a partir de cidades italianas, graças à colaboração de viajantes portugueses de passagem por aquelas regiões europeias, como no caso das compilações preparadas em Veneza por Alessandro Zorzi por volta de 1517 (Faria e Mota 1977).

Os capítulos XI e seguintes da introdução versificada ao *Kitab-i Bahriye* prosseguem com um «Exposé de l'Abyssinie». Piri Reis refere-se à abundância de «poudre d'or» (VII-15), que seria recolhido pelos portugueses na África Negra. Evidentemente, reportava-se ao riquíssimo tráfico aurífero que desde inícios da década de 1470 tinha lugar na Costa da Mina, e que levara mesmo a Coroa lusitana a ordenar a edificação da importante fortaleza de São Jorge da Mina em 1482. Algo confusamente, o tratadista turco menciona «un mécréant qu'on appelait Mânû Kûnkûrî» (VII-13), provável referência ao Manicongo, soberano africano da região do Congo, que fora contactado pela primeira vez durante as viagens de Diogo Cão, e com o qual os portugueses mantiveram desde então amistosas relações, que chegaram a envolver a troca de embaixadores (Faria e Mota 1977: 28-45). O problema das fontes do Nilo é abordado, como não poderia deixar de ser, referindo Piri Reis a noção de que o grande rio nasceria algures numa montanha do interior de África, «a quinze degrés de distance» (VII-7) do cabo da Boa Esperança. Esta informação, aparentemente, teria sido retirada pelo cartógrafo otomano de uma carta (cf. VII-15), porventura de origem portuguesa, que conteria dados sobre África.

O mapa de 1513 fazia já alusões explícitas a cartas e a mapas de origem portuguesa que teriam chegado à posse do navegador otomano. Mas há outras notícias de exemplares de cartografia portuguesa existentes em Constantinopla nas primeiras décadas de Quinhentos. Tal é o caso, por exemplo, de uma carta de Pedro Reinel, de cerca de 1522, apresentando o hemisfério sul em projecção polar, que ainda hoje se conserva no Topkapy Seray (Destombes 1955: 65-88; Cortesão e Mota 1987: v. I, est. 13). Assim, ideias de origem portuguesa sobre a topografia do interior do continente africano ter-se-iam difundido na capital do império otomano desde as primeiras décadas do século XVI, graças a cartas e mapas oriundos de Portugal que de alguma forma ali teriam chegado. A cartografia lusitana da época, com efeito, apresentava no interior de África os Montes da Lua, acidente geográfico normalmente associado às fontes do rio

Nilo (Mota 1977). Piri Reis, entretanto, coloca uma hipótese a respeito do Nilo que também tinha sido ventilada pelos cosmógrafos europeus: «peut-être sort-il du Paradis» (v11-22). Trata-se de uma ideia antiga, mas que não derivaria necessariamente de fontes portuguesas. Entretanto, convirá salientar que os textos incluídos na colectânea *Paesi nuovamente ritrovati* integravam referências às fontes do Nilo e a outras questões de topografia africana.

A possibilidade da circum-navegação de África, experimentalmente comprovada pelos portugueses desde 1488, é repetida por Piri Reis, na sua descrição deste continente. E como prova concreta desta possibilidade, o tratadista otomano relembra, com algum constrangimento, «qu'une fois, trente *bârcâ*, ô ami! | vinrent et mouillèrent à Djedda ouvertement» (v12-16). Referia-se decerto a uma das várias expedições portuguesas que nas primeiras décadas do século xvi demandaram o Mar Vermelho, depois de este estratégico braço de mar ter sido identificado pela Coroa lusitana como um alvo prioritário, no âmbito do projecto de estabelecimento de uma presença portuguesa duradoura no Oriente. Os dados avançados por Piri Reis referem a presença de 30 embarcações, ou «bârcâ», que seriam secundadas por cinco «kâdirga» (v12-17), permitindo uma imediata identificação da expedição que em 1517 o governador português Lopo Soares de Albergaria conduziu até ao Mar Vermelho. Esta expedição, com efeito, navegou até ao porto de Djedda, que tentou sem grande êxito atacar (Bacqué-Grammont e Kroell 1988: 21-46).

O capítulo xiv da introdução versificada de Piri Reis é dedicado a considerações de ordem cosmográfica, relativas nomeadamente à extensão dos oceanos. E aqui o navegador otomano avança com noções de origem inequivocamente portuguesa, de que todos os mares comunicam entre si e de que é possível navegar desde a Europa até a «la mer d'Oman» (v14-2), e daí até à China. Os portugueses atingiram pela primeira vez o litoral da China em 1513 (Loureiro 2000: 142-164), de forma que as notícias sobre estas viagens teriam chegado a Portugal cerca de dois anos mais tarde, espalhando-se logo depois por todo o Mediterrâneo, nomeadamente pelas cidades marítimas italianas, de onde facilmente atingiriam Constantinopla. Indício certo da intervenção de fontes portuguesas neste capítulo, Piri Reis menciona logo de seguida que a navegação através dos mares é realizada com o auxílio de «l'astrolabe» (v14-8) e também de «cartes» (v14-9), dois dos instrumentos técnicos fundamentais das grandes navegações lusitanas.

Ainda no mesmo capítulo xiv, Piri Reis avança com um dado algo enigmático, afirmando que «Au Portugal, il y avait un prêtre suprême» (v14-18), que era «accompli dans la science» e também «plein de stratagèmes» (v14-

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

19). Este homem misterioso, espécie de mago com poderes sobrenaturais, construíra um globo terrestre, onde «rassembla les terres et les mers» (v14-20). O navegador otomano continua de seguida a descrever este «globe astronomique» (v14-27), salientando a sua utilidade para a realização de viagens transoceânicas. Estas referências são algo paradoxais. A figura mística, homem de saber e de ciência, poderia reportar-se ao Infante Dom Henrique, que poucas décadas depois do seu desaparecimento, efectivamente, ganhara em Portugal, e também um pouco por toda a Europa, aura de cientista eminente, especializado em questões náuticas e cosmográficas. A documentação do tempo do próprio Infante não suporta esta interpretação mais tardia, apontando-o sobretudo como um homem casto, inteiramente dedicado às armas, que na fase final da vida desenvolveu um forte pendor religioso. O veneziano Alvise Ca' da Mosto, já antes citado, apresenta-o desta forma: «ele se deu inteiramente à milícia do nosso senhor Jesus Cristo, guerreando aos Bárbaros e combatendo pela Fé. Não quis nunca tomar mulher, sob grande castidade» (Peres 1988: 84).

Mas a partir das primeiras décadas de Quinhentos, com a chegada dos navios portugueses à Índia, o Infante Dom Henrique, de forma retrospectiva, e sem dúvida anacrónica, começou a ser encarado como um verdadeiro homem renascentista, dedicado às ciências, nomeadamente à matemática e à cosmografia (Randles 1993: 20-28). Os descobrimentos portugueses, nesta visão que começou a formar-se nos alvores do século XVI, haviam sido cuidadosamente planeados por Henrique o Navegador, que avançara inclusivamente com a possibilidade de se estabelecer uma ligação marítima directa entre Portugal e a Índia das drogas e das especiarias. O facto de esta passagem do texto de Piri Reis poder estar relacionada com o Infante Dom Henrique não deixa de ser curioso, reforçando entretanto a ideia de que na base da sua síntese da expansão lusitana estarão fontes de origem indiscutivelmente portuguesa. Contudo, não há notícia de terem sido produzidos em Portugal quaisquer globos na época henriquina. O primeiro globo construído no âmbito dos descobrimentos portugueses seria produzido em Nuremberga em 1492 por Martim Behaim, um cosmógrafo alemão que por sinal estanciara demoradamente em terras portuguesas nos anos de 1484 a 1490, contactando com os meios marítimos que, na capital portuguesa, estavam ligados à expansão ultramarina (Pohle 2007: 27-32). Subsequentemente, outros globos seriam produzidos um pouco por toda a Europa, nomeadamente por Johannes Schöner (Pigafetta 2007: 57 e 328-329), e não é improvável que alguns destes tenham acabado por chegar a Istambul (Brotton 1997: 87-118).

Os capítulos xvi e xvii do texto de Piri Reis debruçam-se sobre o caminho marítimo para a Índia, inaugurado por Vasco da Gama em 1498-1499.[23] Os dados avançados pelo tratadista turco estão basicamente correctos, no que toca à data da partida de Lisboa, às escalas que as armadas portuguesas podiam efectuar no caminho, às distâncias percorridas entre os sucessivos pontos, às direcções seguidas de acordo com os ventos dominantes, e às técnicas e instrumentos de navegação utilizados. Piri Reis, aliás, chama repetidamente a atenção para a utilização do astrolábio para determinação da altura: «Ils prennent l'élévation et connaissent cette fois la latitude» (v16-34); «Ils prennent encore une fois l'élévation et la comparent et veillent à de nouveau le faire» (v16-36). Lendo a descrição do texto turco, seria possível, através das indicações técnicas fornecidas, delinear aproximadamente a rota das navegações portuguesas numa carta que representasse o Atlântico, a África e o Índico. Mais uma vez, terão sido aqui utilizadas fontes de inequívoca origem lusitana. Muito provavelmente, para além de cartografia de origem portuguesa, Piri Reis recorreu novamente aos relatos incluídos nos *Paesi nuovamente retrovati*, e sobretudo à descrição da viagem da armada de Pedro Álvares Cabral para a Índia em 1500, atribuída a Tomé Lopes, e à anónima descrição da segunda viagem de Vasco da Gama também para a Índia. As referências incluídas nesta secção à «Tara Birsîlî» (v16-20), ou Terra Brasil, visitada pela primeira expedição, e ao «pays de Mogadíscio qui est en Abyssinie» (v16-51) e à «embouchure de la mer de Djedda» (v16-52), avistados pela segunda expedição, parecem confirmar esta hipótese.

Mas, um pouco adiante, o próprio Piri Reis invoca, em duas ocasiões distintas, o contributo de informadores orais, provavelmente portugueses, com experiência da carreira da Índia: em primeiro lugar, adianta que «C'est ce que dit sans aucun doute le marin» (v17-16); em segundo lugar, sublinha que «La distance du Portugal au pays de l'Inde est de quatorze mille milles, disent ceux qui l'ont fait» (v17-18). O autor do *Kitab-i Bahriye*, parece indiscutível, ter-se-á encontrado com portugueses com experiência da rota do Cabo, que teriam visitado a Índia nalguma das primeiras expedições lusitanas, para depois do regresso a Lisboa, por alguma razão, rumarem ao Levante. A hipótese de Álvaro Vaz ser um dos informadores de Piri Reis foi já avançada. Mas certamente teria havido outros portugueses com experiência de assuntos orientais em Istambul, pois numa das secções seguintes, o capítulo xx, dedicado ao Mar da China, o tratadista turco novamente invoca testemunhos lusitanos: «ce qu'en disent les Por-

[23] Sobre Vasco da Gama e a sua viagem histórica, vd. Fonseca (1997: 89-189).

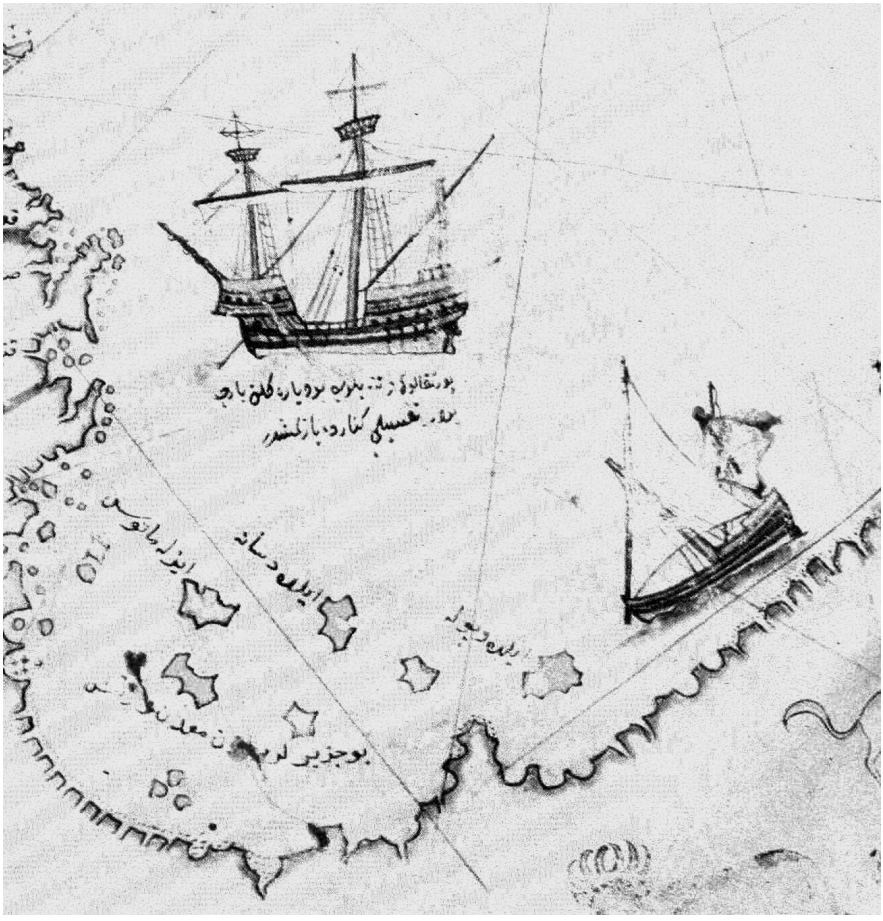

Figura 3. Pormenor do litoral da América do Sul no Planisfério de Piri Reis (1513)

tugais» (v20-19). E mais adiante, referindo-se à porcelana, um produto tipicamente chinês, acrescenta: «J'ai demande ceci a un Portugais» (v20-20).

A descrição da China levanta alguns problemas em termos de fontes de informação. Com efeito, a determinado passo o texto turco refere-se ao «royaume du Cathay» (v20-9), cuja capital seria «Çîn et Mâçîn» (v20-10). Durante a época medieval, diversos viajantes europeus, e entre eles Marco Polo, tinham aplicado a designação de Cataio à China mongol. Contudo, as fontes portuguesas dos primeiros anos do século xvi que se debruçam sobre a China nunca utilizam esta terminologia poliana (Loureiro 2000: 165-189), de forma que as

notícias deste género transmitidas por Piri Reis poderiam provir de informadores italianos. Um desses homens poderia ter sido Giovanni da Empoli, florentino que nos primeiros anos do século xvi acompanhou expedições portuguesas ao Oriente, visitando nomeadamente a China, de onde remeteu detalhadas informações para a Europa. Nas suas missivas, Empoli associava dados realistas, recolhidos em primeira mão, a algumas das convenções tradicionais que vigoravam na Europa antes das primeiras viagens portuguesas. Outro possível informador seria Andrea Corsali, outro florentino que na mesma época peregrinou por mares e terras orientais, de onde remeteu igualmente notícias para as cidades italianas sobre a China, que não chegou a visitar, mas que obteve junto de viajantes portugueses, ou talvez mesmo junto de Empoli, com quem se cruzou. Corsali viajou para o Estreito de Babelmandebe com Lopo Soares de Albergaria, e mais tarde há notícias de se ter fixado na Etiópia, onde o seu rasto se perde por volta de 1518-1520 (Loureiro 2001-2002). Nada impede que informações fornecidas por estes viajantes florentinos tivessem chegado às mãos de Piri Reis, quer através do Mediterrâneo, quer pelos caminhos do Mar Vermelho.

Outro problema levantado pelo texto do *Kitab-i Bahriye* referente à China relaciona-se com a porcelana, a respeito da qual Piri Reis afirma explicitamente «J'ai demande ceci à un Portugais» (v20-20). As informações que de seguida transmite, sobre uma pasta de argila que é enterrada durante anos, passando de pais para filhos, encontra-se também em algumas fontes portuguesas, e nomeadamente no *Livro das coisas do oriente* de Duarte Barbosa, cuja primeira versão, preparada na Índia, onde o autor residia, data de cerca de 1516 (Barbosa 1996-2000: 414-415). Mas as referências à porcelana do escritor turco remetem igualmente para a relação de viagem preparada por António Pigafetta por volta de 1522, onde se escreve que a porcelana «est cinquante ans sous terre avant de la mettre en oeuvre, car autrement elle ne serait pás fine, et le pére l'enterre pour le fils» (Pigafetta 2007: 189). O viajante italiano, que acompanhou a primeira viagem de circum-navegação iniciada por Fernão de Magalhães em 1519 e concluída sob o comando de Sebastián de Elcano em 1522, redigiu o seu relato da expedição após o regresso à Europa, o qual seria publicado pela primeira vez em Colónia em 1523, numa versão latina de Maximiliano Transilvano, e logo de seguida em Paris em 1525 ou 1526, em versão francesa mais alargada (Faria 1975). Posteriormente, Pigafetta desaparece da circulação, havendo indícios de que poderia ter acabado os seus dias no final da década de 1520 em Istambul.[24] Nes-

[24] A sugestão foi avançada por Schurhamme (1963: 455-461).

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

sa cidade, o viajante italiano poderia ter fornecido a Piri Reis não só amplas informações sobre as suas experiências ultramarinas, mas também roteiros de navegação e peças cartográficas referentes às suas extensas peregrinações. Poderia ter sido ele, inclusivamente, o portador da já referida carta de Pedro Reinel de 1519 que se conserva em Istambul.

Curiosamente, o capítulo XXI do Prefácio do *Kitab-i Bahriye* faz referência a um conjunto diversificado de seres fantásticos que se poderiam encontrar no Mar da China, nomeadamente homens com «cornes, tels dês chevreuils» (v21-19), outros com «un oeil au milieu» da testa (v21-19), outros com «un pied unique» (v21-20), outros ainda com «l'aspect de chiens» (v21-22), e outros que tais. Algumas destas fábulas, que enxameiam os relatos medievais de viagens, como foi anteriormente indicado, já haviam surgido no mapa de Piri Reis de 1513 (Loureiro 2006: 87-88). Mas praticamente não se encontram vestígios destes mitos nas fontes portuguesas das primeiras décadas de Quinhentos referentes ao Mar do Sul da China, pois estas são, regra geral, muito sóbrias e muito realistas (Loureiro 2000: 165-189). Pelo contrário, a relação de viagem de António Pigafetta acolhe muitos destes seres fabulosos, localizando-os precisamente nos mares que se estendem para sul da China, e que o viajante italiano, por sinal, não chegou a visitar, mas que descreve com base em testemunhos de navegadores asiáticos encontrados em Timor. Nalgumas das ilhas da Insulíndia, entretanto, Pigafetta encontrou populações que andavam totalmente nuas.[25] Ora Piri Reis, no seu texto, localiza no Mar da China gente semelhante: «tous allaient nus entièrement, qu'ils fussent hommes, femmes ou enfants» (v21-12). Estes paralelismos parecem sugerir que António Pigafetta poderia ter sido um dos principais informadores do tratadista turco, em questões relacionadas com a Ásia mais oriental, sobre as quais haveria mais falta de notícias em Istambul.

Os restantes capítulos do Prefácio do *Kitab-i Bahriye*, dedicados a diversas regiões do Oceano Índico, fazem ocasionalmente referência aos portugueses. Piri Reis, por exemplo, menciona a construção de uma fortaleza em Ormuz: «les Portugais, ô ami! sont allés construire une fortresse» (v29-11). Esta ilha na entrada do Golfo Pérsico fora identificada desde cedo pelos governantes lusitanos como um lugar eminentemente estratégico, que importava a todo o custo controlar, de forma que esse controlo foi assegurado por Afonso de Albu-

[25] Cf. por exemplo Pigafetta (2007: 246): «Lesquelles vont toutes nues [...]. Les hommes vont comme les femmes».

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

querque entre 1507 e 1515 (Couto e Loureiro 2007: 33-45). A partir de um conjunto de bases fortificadas estabelecidas em diversos lugares estratégicos da costa oriental de África e da Ásia marítima, os portugueses, desde as primeiras décadas de Quinhentos, passaram a desempenhar um papel predominante nas principais rotas marítimas que atravessavam o Índico. E esta realidade era devidamente assinalada no Prefácio da obra do escritor turco: «Où que tu ailles, sans les Portugais, le commerce ne peut se faire, que ce soit l'automne ou l'été» (v29-14).

Enfim, ao longo do capítulo xxxi acumulam-se ainda diversas referências às actividades portuguesas, desta feita no contexto da descrição da costa oriental africana. «Chaque année, les navires portugais y vont» (v31-5), em demanda de mercadorias valiosas como o ouro, o marfim, o ébano e o âmbar. Piri Reis poderia ter recolhido este tipo de notícias junto dos seus informadores em Istambul, mas também as poderia ter obtido durante a sua estadia no Egipto na década de 1520. O facto de saber que os portugueses adoptavam a designação de «Sân Gôrance» (v33-2) para identificar Madagáscar, contudo, leva a crer que algumas das suas informações seriam de origem portuguesa. Tanto mais que se refere à visita de «Trois navires portugais» (v34-4) à grande ilha africana, um dos quais conseguira regressar, pelo que a partir de então São Lourenço começara a aparecer nas cartas lusitanas: «On la nota sur la carte et elle devint fameuse» (v35-2). Trata-de com toda a probabilidade de uma referência a três dos navios da expedição de Tristão da Cunha que, quando em 1506 se dirigiam de Lisboa para a Índia, visitaram Madagáscar, dois dos quais, de acordo com a cronística portuguesa, se perderam (Andrade 1972: 78-89). Eis assim mais um indício da utilização por Piri Reis de mapas e de informações de origem portuguesa na composição do seu famoso livro de marinharia.

Em reforço desta hipótese, aparecem os capítulos xxxviii a xlii, dedicados à descrição das Comores, com múltiplas referências a navios portugueses que rondaram aquelas ilhas. É indubitável que foram os portugueses os primeiros europeus a visitar estas ilhas do Índico, na sequência da já referida expedição de Tristão da Cunha. Contudo, relativamente a esta secção final do Prefácio, outras seriam também as fontes do navegador turco, já que os dados avançados sobre estas ilhas orientais ultrapassam o conjunto de notícias que estariam então disponíveis nos meios ultramarinos portugueses. Uma hipótese remota relativamente à circulação de materiais lusitanos poderia estar relacionada com a viagem realizada em 1513-1514 a Roma por Tristão da Cunha, como embaixador do monarca português enviado ao Papa Leão X (Andrade 1972: 119-

132). Por ocasião deste périplo europeu, o antigo capitão da carreira da Índia, ou alguns dos seus acompanhantes, poderiam ter difundido notícias orais sobre as explorações portuguesas realizadas na parte mais meridional do Índico, nomeadamente na região de Madagáscar e das Comores. E essas informações poderiam eventualmente ter chegado, por interpostas pessoas, aos ouvidos de Piri Reis.

A partir da análise do mapa-mundo de 1513, e também do Prefácio versificado da versão de 1526 do *Kitab-i Bahriye*, é possível concluir, sem margem para dúvidas, que Piri Reis teve acesso a uma vasta gama de fontes de origem portuguesa, que lhe foram transmitidas directa ou indirectamente. É mesmo viável estabelecer uma tipologia das fontes utilizadas pelo tratadista turco. Em primeiro lugar, haverá que ter em conta informações orais recolhidas junto de prisioneiros de recontros violentos entre navios otomanos e embarcações cristãs nas águas mediterrânicas. As legendas do mapa-mundo de 1513 registam alguns desses testemunhos. E homens embarcados, marinheiros, mercadores ou meros viajantes, eram nos alvores do século XVI gente geralmente bem informada no que tocava a assuntos marítimos e ultramarinos, já que os portos meridionais da Península Ibérica fervilhavam de notícias em primeira-mão sobre terras e gentes longínquas, contactadas durante ou em consequências das viagens de descobrimento ibéricas.

Depois, em segundo lugar, haverá que pensar noutro tipo de depoimentos orais, aqueles que eram fornecidos por portugueses, ou outros europeus, com experiência de assuntos ultramarinos que eventualmente estanciassem em Istambul. Desde emissários da Coroa portuguesa até peregrinos com destino à Terra Santa, passando por membros da diáspora sefardita, até cristãos fugitivos ou renegados. Em 1510 chegavam a Veneza notícias sobre um português chamado Álvaro Vaz que se encontrava em Istambul. Tinha estado em Cochim, na Índia, e era irmão de Estevão Vaz, que então desempenhava as funções de feitor da Casa da Índia em Lisboa, o centro estratégico da rede internacional portuguesa de informações. Álvaro Vaz tinha sido funcionário da feitoria portuguesa em Antuérpia em 1507-1508, de onde desaparecera misteriosamente. Perante as autoridades otomanas, afirmava-se capaz de impedir que Portugal enviasse mais armadas para o Oriente (Sanuto 1879-1902: v. 11 col. 268-269). Poucos anos mais tarde, em 1518, informadores venezianos afiançavam que um anónimo português tinha fugido de Roma para a capital do império otomano, onde se queria converter ao islamismo, alegando que com 40 galés seria capaz de expulsar os portugueses da Índia, utilizando um mapa das regiões orientais que possuía (Sanuto 1879-1902: v. 25 col. 552).

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

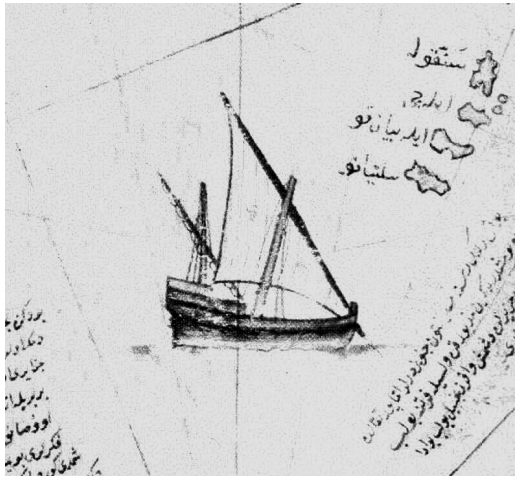

Figura 4. Representação da regiao de Gallipoli no *Kitab-i Bahriye* de Piri Reis (1521)

Homens como estes poderiam ter fornecido às autoridades otomanas, e também a Piri Reis, abundantes informações sobre as actividades ultramarinas dos portugueses, e nomeadamente dados sobre a geografia dos espaços extra-europeus. Mas uma hipótese bem sugestiva seria o principal informador de Piri Reis sobre temáticas orientais ter sido Antonio Pigafetta, o companheiro de viagem de Fernão de Magalhães, que nos últimos anos da sua vida se poderia ter fixado em Istambul. De seguida, Piri Reis poderia recorrer a mapas e cartas europeias, e sobretudo portuguesas, que teriam chegado à sua mão no decorrer de assaltos a embarcações cristãs no Mediterrâneo. Qualquer embarcação mercantil ou de guerra oriunda da Península Ibérica transportaria a bordo exemplares cartográficos da mais variada natureza e proveniência. Entretanto, mesmo em Istambul não seria complicado analisar cópias de mapas ou cartas europeias, adquiridas de forma lícita ou ilícita, sobretudo nas cidades italianas que mantinham relações mais intensas com o mundo otomano.[26] Enfim, em último lugar, Piri Reis, para se informar sobre os mundos extra-europeus, poderia recorrer a fontes textuais da mais diversa natureza, desde relações manuscritas obtidas em assaltos a navios cristãos, até informações pre-

[26] Sobre o interesse otomano pela cartografia europeia, vd. Brotton (1997: 87-118), e também Emiralioğlu (2007: 95-107).

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

paradas por europeus com experiência ultramarina, residentes ou não em terras otomanas, passando por livros impressos em prelos ocidentais, e nomeadamente italianos, que de algum modo chegavam a Istambul.

Como resultado do recurso a todas estas fontes, o Prefácio do *Kitab-i Bahriye* apresenta uma visão ampla e razoavelmente actualizada sobre a expansão portuguesa que teve lugar desde as primeiras décadas do século XV e que na altura da composição da referida obra já se estendera até aos mais longínquos confins da Ásia. Piri Reis revela ser um homem bem informado sobre as actividades ultramarinas da coroa de Portugal, mostrando-se capaz de reunir elementos documentais da mais diversa natureza, junto de uma ampla gama de informadores. Atendendo a que nas primeiras décadas do século XVI, com uma ou duas excepções, não foram impressas quaisquer narrativas ou quaisquer mapas sobre as grandes navegações lusitanas, resulta até surpreendente a forma como o tratadista turco conseguiu reunir as notícias que transmite nos seus textos. A ocidente ou a oriente, era difícil manter segredos de natureza geográfica ou cartográfica, já que os meios marítimos eram altamente permeáveis, homens e informações circulavam de forma célere, através de complexas redes. No fim de contas, Piri Reis desmente flagrantemente as antigas teses sobre a política de sigilo que Portugal alegadamente teria mantido nesta época, revelando que o mundo otomano estava bem informado sobre o que se passava no extremo mais ocidental da Europa.

De qualquer forma, parece evidente que a sua obra geográfica e cartográfica merece alguma atenção, no contexto da intensa circulação de saberes e de poderes que teve lugar ao longo do século XVI, entre a Península Ibérica, o Mediterrâneo, o mundo otomano e as regiões mais remotas da Ásia. Mas convém sublinhar, para finalizar, dois pontos. Em primeiro lugar, os materiais geográficos de Piri Reis demonstram com clareza que os otomanos, empenhados num processo de construção imperial, estavam bem atentos ao que se passava em Portugal e em Espanha, potências que se podiam constituir como suas rivais nos espaços marítimos do Mediterrâneo e, também, do Índico. E seguiam atentamente os resultados das navegações ibéricas para espaços ultramarinos, recorrendo a todos os métodos, incluindo a espionagem, para conseguirem obter informações geográficas e cartográficas de natureza estratégica. Em segundo lugar, a obra de Piri Reis avança com uma síntese fundamental. Por um lado, faz a ponte entre o mundo otomano, continental e com janelas abertas para o Mediterrâneo, e as produções geográficas e cartográficas ibéricas, voltadas para os grandes horizontes atlânticos e orientais. Por outro lado, estabelece a ligação entre a geografia tradicional, com os seus seres fantásticos e as

suas ilhas imaginárias, e a nova geografia experiencial e realista desenvolvida pelos descobrimentos ibéricos.

Referências bibliográficas

Akçura, Yusuf (ed.) (1999). *Pîrî Reis Haritasi*. Ancara: Türk Tarih Kurumu Basimevi.

Albuquerque, Luís de (dir.) (1988). *Bartolomeu Dias: Corpo Documental – Bibliografia*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos.

Arienzo, Luisa d' (1991). «L'influenza culturale italiana alla Corte Portoghese nell'eta' delle Scoperte». *Mare Liberum* (Lisboa), 2, 107-120.

Andrade, António Alberto Banha de (1972). *Mundo Novos do Mundo: Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*. Lisboa: Junta de Investigações Ultramarinas.

Andrade, António Alberto Banha de (1974). *História de um Fidalgo Quinhentista Português: Tristão da Cunha*. Lisboa: Instituto Histórico Infante Dom Henrique.

Aveiro, Fr. Pantaleão de (1927). *Itinerario da Terra Sancta, e suas particularidades*. Ed. António Baião. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1927.

Bacqué-Grammont, Jean-Louis ; Kroell, Anne (1988). *Mamlouks, Ottomans et Portugais : L'Affaire de Djedda en 1517*. Cairo: Institut Français d'Archéologie Orientale.

Barbosa, Duarte (1996-2000). *O Livro de Duarte Barbosa*. Ed. Maria Augusta da Veiga e Sousa. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical & Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Beckingham, C. F. (1979). «The *Itinerário* of Fr. Pantaleão de Aveiro». *Revista da Universidade de Coimbra*, 27, 161-169.

Brotton, Jerry (1997). *Trading Territories: Mapping the early modern world*. Londres: Reaktion Books.

Concina, Ennio (dir.) (2006). *Venezia e Istanbul: Incontri, Confronti e Scambi*. Udine: forum.

Correia, Margarida Sérvulo (2000). *As Viagens do Infante Dom Pedro*. Lisboa: Gradiva.

Cortesão, Armando (1978). *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.

Cortesão, Armando; Mota, Avelino Teixeira da (ed.) (1987). *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Costa, Abel Fontoura da (1990). *Às portas da Índia em 1484*. Lisboa: Edições Culturais da Marinha.

Costa, João Paulo Oliveira e (2009). *Henrique, o Infante*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Costa, José Pereira da (ed.) (1997). *Códice Valentim Fernandes*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

Couto, Dejanirah; Loureiro, Rui Manuel (2007). *Ormuz, 1507 e 1622: Conquista e Perda*. Lisboa: Tribuna da História.

Destombes, Marcel (1955). «The Chart of Magellan». *Imago Mundi* (Leiden), 12, 65-88.

Domingues, Francisco Contente (2012). *A Travessia do Mar Oceano: A Viagem ao Brasil de Duarte Pacheco Pereira em 1498*. Lisboa: Tribuna da História.

Emiralioğlu, Mevhibe Pinar (2007). «Cartography and Geographical Consciousness in the Ottoman Period». Ian Manners (ed.). *European Cartographers and the Ottoman World 1500-1750: Maps from the Collection of O.J. Sopranos*. Chicago: The Oriental Institute Museum of the University of Chicago, 95-107.

Faria, Francisco Leite de (1975). «As primeiras relações impressas sobre a viagem de Fernão de Magalhães». Avelino Teixeira da Mota (org.). *A Viagem de Fernão de Magalhães e a Questão das Molucas*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 471-518.

Faria, Francisco Leite de; Mota, Avelino Teixeira da (1977). *Novidades Náuticas e Ultramarinas numa Informação dada em Veneza em 1517*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

Ficalho, Conde de (1988). *Viagens de Pêro da Covilhã*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Fonseca, Luís Adão da (1987). *O essencial sobre Bartolomeu Dias*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Fonseca, Luís Adão da (1997). *Vasco da Gama: O Homem, a Viagem, a Época*. Lisboa: Expo '98 & Comissão de Coordenação da Região do Alentejo.

Fonseca, Luís Adão da (1999). *Os descobrimentos e a formação do oceano Atlântico, século XIV-século XVI*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Garcia, José Manuel (ed.) (2008). *O Livro de Francisco Rodrigues: O Primeiro Atlas do Mundo Moderno*. Porto: Editora da Universidade do Porto.

Godinho, Vitorino Magalhães (2007). *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Hill, George F. (2010). *A History of Cyprus*. Cambridge: Cambridge University Press.

Jüsten, Helga (2007). *Valentim Fernandes e a literatura de viagens*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos.

Lagoa, Visconde de (1955). *Achegas para o estudo do Planisfério dito de Cantino e das explorações portuguesas do litoral brasileiro*. Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar.

Loupis, Dimitris (2004). «Piri Reis' *Book on Navigation* (Kitab-i Bahriyye) as a Geography Handbook». George Tolias; Dimitris Loupis (ed.). *Eastern Mediterranean Cartographies*. Atenas: Institute for Neohellenic Research; National Hellenic Research Foundation, 35-49.

Loureiro, Rui Manuel (1998). *Em demanda do Oriente: Viagens e notícias quatrocentistas*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044

LOUREIRO, Rui Manuel (2000). *Fidalgos, Missionários e Mandarins: Portugal e a China no Século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente.

LOUREIRO, Rui Manuel (2001-2002). «Informações italianas sobre a China nos primeiros anos do século *XVI*». *Studia* (Lisboa), 58-59, 89-111.

LOUREIRO, Rui Manuel (2006). «O Atlântico visto de Istambul». *Xarajîb: Revista do Centro de Estudos Luso-Árabes* (Silves), 5, 79-100.

MARQUES, Alfredo Pinheiro (1995). *A Maldição da Memória do Infante Dom Pedro e as Origens dos Descobrimentos Portugueses*. Figueira da Foz: Centro de Estudos do Mar.

MCINTOSH, Gregory C. (2000). *The Piri Reis Map of 1513*. Atenas: The University of Georgia Press.

MONTALBODDO, Francazano da (1507). *Paesi novamente ritrovati et nouo Mondo da Americo Vesputio Florentino intitulato*. Vicenza: Henrico Vicentino. [Em linha] <gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k58988n>.

MOTA, Avelino Teixeira da (1977). *A África no Planisfério Português Anónimo 'Cantino' (1502)*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

PEREIRA, Duarte Pacheco (1991). *Esmeraldo de situ orbis*. Ed. Joaquim Barradas de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PERES, Damião (ed.) (1988). *Viagens de Luís de Cadamosto e de Pedro de Sintra*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

PIGAFETTA, Antonio (2007). *Le voyage de Magellan (1519-1522) : La relation d'Antonio Pigafetta & autres témoignages*. Ed. Xavier Castro, Jocelyn Hamon e Luís Filipe Thomaz. Paris: Editions Chandeigne.

PIRÎ Reis (2002). *Kitab-i Bahriye*. Ed. Nurettin Güz *et al*. Ankara: Republic of Turkey, Prime Ministry, Undersecretaryship of Navigation.

POHLE, Jürgen (2007). *Martin Behaim (Martinho da Boémia): factos, lendas e controvérsias*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.

RADULET, Carmen M. (1990). «As viagens de descobrimento de Diogo Cão: Nova proposta de interpretação». *Mare Liberum* (Lisboa), 1, 175-204.

RADULET, Carmen M.; Thomaz, Luís Filipe (ed.) (2002). *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513): Fontes italianas para a sua história*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

RANDLES, W. G. L. (1993). «The Alleged Nautical School Founded in the Fifteenth Century at Sagres by Prince Henry of Portugal, Called the 'Navigator'». *Imago Mundi* (Londres), 45, 20-28.

ROGERS, Francis M. (1959). *List of Editions of the Libro del Infante don Pedro de Portugal*. Lisboa: Companhia de Diamantes de Angola.

ROGERS, Francis M. (1961). *The Travels of the Infante Dom Pedro of Portugal*. Cambridge: Harvard University Press.

RUSSELL, Peter (2000). *Prince Henry'the Navigator': A Life*. New Haven: Yale University Press.

Santisteban, Gómez de (1962). *Libro del Infante Don Pedro de Portugal*. Ed. Francis M. Rogers. Lisboa: Editorial Minerva.

Sanuto, Marino (1879-1902). *I diarii di Marino Sanuto*. Ed. Rinaldo Fulin, Federico Stefani, Niccolò Barozzi, Guglielmo Berchet e Marco Allegri. Veneza: R. Deputazione di Storia Patria, 58 v.

Scarlatti, Lita (1980). *Os Homens de Alfarrobeira*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.

Schurhammer, Georg (1963). «Una ipotesi sulla fine di Antonio Pigafetta». Georg Schurhammer. *Orientalia*. Ed. Lázló Szilas. Roma & Lisboa: Institutum Historicum Societatis Iesu & Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 455-461.

Soucek, Svat (1996). *Piri Reis and Turkish Mapmaking after Columbus*. Londres: The Nour Foundation, Azimuth Editions & Oxford University Press.

Subrahmanyam, Sanjay (1993). *The Portuguese Empire in Asia 1500-1700: A Political and Economic History*. Londres: Longman.

ISSN: 2014-8526. e-ISSN: 2014-8534. DOI: 10.1344/105.000002044